Para uma Evangelização inovadora – Dar razões de confiança à família

A educação parental no contexto da catequese

CRISTINA SÁ CARVALHO*

«Devem *amar particularmente a família*. É o que concreta e exigentemente vos confio. Amar a família significa saber estimar os seus valores e possibilidades, promovendo-os sempre. Amar a família significa descobrir os perigos e os males que a ameaçam, para poder superá-los. Amar a família significa empenhar-se em criar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. E, por fim, forma eminente de amor à família cristã de hoje, muitas vezes tentada por incomodidades e angustiada por crescentes dificuldades, é dar-lhe novamente razões de confiança em si mesma, nas riquezas próprias que lhe advém da natureza e da graça e na missão que Deus lhe confiou.»¹

João Paulo II

1. Amar a família

No contexto da reflexão que tem vindo a ser feita, em Portugal, sobre a catequese e o desenvolvimento catequético a que essa reflexão está a conduzir, com a adopção de projectos de Catequese Familiar, de Catequese Intergeracional e de Despertar Religioso, em torno de um itinerário nacional de dez anos de catequese para a infância e a adolescência, coloca-se-nos uma questão de fundo: sendo evidente, tanto na teoria como na prática, a influência que a

* Faculdade de Teologia – Lisboa. Universidade Católica Portuguesa.

¹ *Familiaris Consortio*, Conclusão.

família tem na educação para a fé das crianças e dos adolescentes, parece que não devemos descurar, nos apoios dados às famílias, o auxílio que estas, hoje, necessitam, quanto à formação humana² dos seus filhos. Esse conceito que, para nós, radica inicialmente nos estudos e nas práticas de estimulação da relação família – escola, passíveis de nos ajudar a melhorar as relação das famílias com a catequese paroquial, pode assumir formas variadas e progressivas de Educação Parental. Tal conceito surge também, e de forma mais ou menos explícita, nos documentos do Magistério da Igreja, referentes à função educativa da família e de modo muito claro no *Instrumentum Laboris* do Sínodo para a Nova Evangelização, como veremos adiante.

Conscientes como estamos todos de que é necessário assegurar a evangelização do futuro, olhar a família, no contexto da catequese, é ter em consideração a globalidade das suas funções educativas e o seu contributo para a construção da comunidade de fé e da sociedade. Por isso, também, é aceitar o desafio que já colocara o Papa João Paulo II: estimar os seus valores e possibilidades, promovendo-os; descobrir os perigos e os males que a ameaçam, para poder superá-los; empenhar-se em criar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento; dar-lhe novamente razões de confiança em si mesma.

Esta última questão parece profeticamente essencial pois a maior ameaça que sofre a família actual é a perda de autoridade adulta (e que contagia os demais educadores, como os professores e os catequistas) que se associa a, e promove, uma crescente falta de confiança dos pais nas suas próprias possibilidades educativas. A prática de acompanhamento de famílias mostrou-nos que, mesmo em situações de disfuncionalidade episódica ou sistémica, os pais desejam o melhor para os filhos, apesar de terem dificuldade em o identificar e se sentirem incapazes de o colocar em prática. Mostrou-nos, igualmente, que grande número de pais se sente sobrecarregado na gestão da sua vida (pessoal, de casal) e, portanto, diminuído na sua disponibilidade para educar os filhos, os orientar e proteger. Finalmente, evidenciou que muitos pais têm uma perspectiva correta e são da forma como devem e querem educar os seus filhos, mas sentem que lutam contra a corrente – as modas educativas, os riscos da sociedade, a vontade dos filhos, a forma como educam famílias próximas, a mentalidade dominante de entregar a educação a profissionais – e que lhes falta confiança para assumir e aplicar a sua própria interpretação e intuição educativa. São pais que, claramente, se definem pela falta de confiança educativa.

² Naturalmente temos presente a artificialidade da separação entre educação «humana e cristã», mas vamos aceitá-la provisoriamente no sentido em que nos ajuda a identificar a base de formação da personalidade e da saúde mental que necessita qualquer ser humano, relativamente ao específico da fé cristã, da introdução ao discipulado cristão, da iniciação sacramental dos crentes cristãos.

Por outro lado, também devemos considerar que assistimos à transição para a parentalidade de uma nova geração de progenitores que se decide a formar família tardiamente e que cresceu, por um lado, num ambiente de fragilidade educativa e ausência de referências sólidas e, por outro, se tornou adulto num ambiente em que nunca teve contato com crianças: trata-se de pessoas educadas em famílias nucleares de tamanho muito reduzido e com a fragilidade relacional dos meios urbanos, sem consciência nem experiência de uma família alargada que promova uma interação geracional diversificada e estimulante. Muitos destes novos pais são academicamente mais educados que os seus progenitores e podem ter um melhor nível de vida mas revelam uma incapacidade extrema para se relacionar, compreender e dialogar com os filhos pequenos, quase sempre as primeiras crianças que conhecem. Mesmo se não se somam ao número de famílias de persistência episódica (note-se que o período de união que antecede o divórcio, ou a separação da união de facto, é cada vez mais curto), assistimos ao crescimento exponencial de crianças que são diagnosticadas e medicadas para distúrbios comportamentais que encontram a sua causa imediata na precariedade dos laços que os pais estabeleceram com elas. E, de um modo geral, verifica-se no modo como os adolescentes crescem cada vez mais longe da influência adulta, gerando, por si mesmos e entre os pares, soluções para a resolução das suas próprias crises que se fundam na violência e na perturbação.

Para uma comunidade de fé trata-se, pois, de se preparar e levar a cabo uma oferta de experiência cristã que favoreça a educação das crianças e adolescentes de que se ocupa, isto é, no sentido de aprofundar e amplificar a pastoral da educação e cumulativamente consciencializar cada comunidade da necessidade de socorrer as famílias, como um dever de caridade para com um próximo seriamente desvalido. Depois de um importante e frutuoso esforço na construção de um itinerário de fé de dez anos e de um diagnóstico frequentemente crítico e pouco dialogante para com as famílias, a catequese da infância e adolescência abre-se à participação dos pais e, melhor ainda, à possibilidade de fazer com eles uma catequese de adultos que os ajude a (re)descobrir e a aprofundar a sua fé. As experiências que estão a ter lugar no âmbito do Despertar Religioso, da Catequese Familiar e da Catequese Intergeracional³, mostram o interesse e o

³ Avaliação dos Projectos-piloto de Catequese Familiar, Despertar Religioso e Catequese Intergeracional disponíveis em www-educris.com nos conteúdos relativos às Jornadas Nacionais de Catequistas de 2012, «Da catequese familiar à catequese intergeracional». No mesmo site também é possível consultar os conteúdos da edição de 2011. «Catequese e família», assim como acompanhar várias actividades de formação e ter acesso aos documentos preparados pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã para apoiar estes projectos. Sobre Catequese Intergeracional consulte-se também OLIVEIRA, Isabel Azevedo de, *Catequese Intergeracional*, Porto, Edições Salesianas, 2009.

envolvimento dos pais, o amadurecimento mais rápido dos filhos e a forma como as famílias se envolvem num relacionamento fraterno, entre si e na participação da vida da comunidade de fé, que só uma fé partilhada pode permitir. Tudo isto são sinais e motivação extra num caminho de construção de uma relação de amor com as famílias. Certamente um contributo não negligenciável para as necessidades do mundo e da Igreja que suscitaram a obrigatoriedade de pensar novas formas de evangelização, de entre estas, as que proporcionem uma verdadeira conversão e uma iniciação cristã promotora de maturidade humana e crente. E, para que este processo de construção encontre os alicerces humanos adequados, parece-nos que devemos propor a associação de experiências de Educação Parental à formação que a catequese já proporciona aos progenitores, avós, padrinhos e madrinhas, irmãos mais velhos. Pretende-se ajudar as famílias – qualquer que seja a sua situação – a ganhar confiança nas «riquezas próprias que lhe advém da natureza e da graça e na missão que Deus lhe confiou», tal como profeticamente indicado por João Paulo II.

2. A capacidade educativa da família na perspectiva cristã

O Papa Paulo VI definiu a família como *Igreja doméstica*⁴, de um modo que resume claramente aquilo que o magistério da Igreja até então considerara sobre esta e, ao mesmo tempo, recuperou, para tempos de transformação social e laicização das sociedades e dos costumes, a base para considerações futuras, indicando que esta «deve ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e desde onde este se irradia»⁵, refletindo os diferentes aspectos da vida da Igreja. Para este Papa a família também é «uma escola de valorização humana»⁶, que «proclama em alta voz as virtudes presentes do reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada. E deste modo, pelo exemplo e pelo testemunho, argui o mundo do pecado e ilumina aqueles que buscam a verdade».⁷

⁴ «Na família, como numa **igreja doméstica**, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada», CONC. ECUM. VAT. II, *Lumen Gentium* 11; também em CONC. ECUM. VAT. II, *Apostolicam Actuositatem* 11 e citado pelo Papa João Paulo II em *Familiaris Consortio* 49: «Para melhor compreender os fundamentos, os conteúdos e as características de tal participação, ocorre aprofundar os vínculos múltiplos e profundos que ligam entre si a Igreja e a família cristã, e constituem esta última como «uma Igreja em miniatura» (*Ecclesia domestica*), fazendo com que esta, a seu modo, seja imagem viva e representação histórica do próprio mistério da Igreja.»

⁵ *Evangelii Nuntiandi* 71.

⁶ Op. cit. 52.

⁷ *Lumen Gentium* 34.

Anteriormente referira que «o bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar. Por esse motivo, os cristãos, juntamente com todos os que têm em grande apreço esta comunidade, alegram-se sinceramente com os vários factores que fazem aumentar entre os homens a estima desta comunidade de amor e o respeito pela vida e que auxiliam os cônjuges e os pais na sua sublime missão. Esperam daí ainda melhores resultados e esforçam-se por os ampliar»⁸. Do mesmo modo, sublinha: «A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade. ... O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade»⁹.

O Papa João Paulo II reforçou, ao longo do seu pontificado, que «o matrimónio e a família constituem um dos bens mais preciosos da humanidade»¹⁰, que «a família cristã, de facto, é a primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, através de uma catequese e educação progressiva, à plenitude da *maturidade humana e cristã*»¹¹ e que «a Igreja, sabedora de que o bem da sociedade e de si mesma está profundamente ligado ao bem da família»¹². Sobre a função da família destaca que a esta é «confiada a *missão de guardar, revelar e comunicar o amor*, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa»¹³ e sublinha, ainda, o valor essencial que a família tem, a sua saúde, a sua segurança, o seu direito à realização plena, recuperando uma noção essencial para o magistério sobre a família: «pois que o Criador de todas as coisas constituiu o matrimónio princípio e fundamento da sociedade humana», a família tornou-se a «célula primeira e vital da sociedade»¹⁴.

Esta visão, essencial para a definição da família, também já tinha sido introduzida pelo Papa João XIII: «A família, baseada no matrimónio livremente contraído, unitário e indissolúvel, há de ser considerada como o *núcleo fundamental e natural da sociedade humana*. Merece, pois, especiais medidas, tanto de natureza económica e social, como cultural e moral, que contribuam para consolidá-la e ampará-la no desempenho da sua função».¹⁵

⁸ CONC. ECUM. VAT. II, *Gaudium et Spes* 47.

⁹ CONC. ECUM. VAT. II, *Gravissimum Educationis* 3.

¹⁰ *Familiaris Consortio* 1.

¹¹ Op. cit. 2, sublinhado nosso.

¹² Op. cit. 3.

¹³ Op. cit. 17.

¹⁴ CONC. ECUM. VAT. II, *Apostolicam Actuositatem*, 11; cit. *Familiaris Consortio* 17.

¹⁵ *Pacem in Terris* 16, sublinhado nosso.

De facto, apesar de vivermos imersos numa cultura individualista e egocêntrica, é inegável que a família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: saem da família os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade. Nesse sentido, o magistério da Igreja mostra-nos que a acção evangelizadora da família também é um factor importante de renovação para a própria Igreja, já que, ao serviço da edificação do Reino de Deus na história, participa de maneira original na missão salvadora eclesial.

O Directório Geral da Catequese, de 1997, dá amplo destaque ao papel da família na educação da pessoa: «A família tem uma função primária, porque nela se pode realizar o anúncio da fé num clima de acolhimento e de amor, que, melhor do que qualquer outro, confirma a autenticidade da Palavra»¹⁶, sublinhando que a educação da fé «envolve em primeiro lugar a família»¹⁷: pelo «testemunho de vida cristã, manifestado pelos pais ... envolvido em ternura e em respeito materno e paterno», acção que se consolida com a interpretação cristã de que os pais são convidados a dar aos grandes acontecimentos familiares e pelo seu apoio à catequese dos filhos, pois «a catequese familiar precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese»¹⁸. E continua: «Os pais recebem, no sacramento do Matrimónio, “a graça e a responsabilidade da educação cristã dos filhos”¹⁹, a quem testemunham e transmitem os valores humanos e religiosos. Esta acção educativa, que é a um tempo humana e religiosa, é um «verdadeiro ministério»²⁰, por meio do qual se transmite e se irradia o Evangelho, a tal ponto que a própria vida de família se torna itinerário de fé e escola de vida cristã. À medida que os filhos crescem, o intercâmbio torna-se recíproco e, «num diálogo catequético deste tipo, cada um recebe e dá alguma coisa»²¹.

O Directório explica, ainda, que os pais são os primeiros educadores na fé²². Por isso, é necessário que a comunidade cristã preste uma atenção especial aos pais. Deve ajudá-los a assumirem a tarefa, hoje especialmente delicada, de educar os filhos na fé, por meio de contactos pessoais, encontros, cursos e mediante uma catequese para adultos, dirigida concretamente aos pais.

¹⁶ Directório Geral da Catequese 186.

¹⁷ Op. cit. 189.

¹⁸ *Catechesi Tradendae* 68.

¹⁹ Cf. *Christifideles Laici* 62; Cf. *Familiaris Consortio* 38.

²⁰ *Familiaris Consortio* 38.

²¹ *Catechesi Tradendae* 68; Cf. EN 71b.

²² Directório Geral da Catequese 255.

A Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa «A Família, esperança da Igreja e do mundo», refere, na esteira do Papa João Paulo II, que a família deve tornar-se «um laboratório de humanização e de verdadeira solidariedade»²³, acrescentando que «o amor, que anima as relações interpessoais dos diversos membros da família, constitui a força interior que plasma e vivifica a comunhão e a comunidade familiar», e prossegue: «Um elemento fundamental para construir esta comunhão “é o intercâmbio educativo entre pais e filhos, no qual cada um deles dá e recebe. Mediante o amor, o respeito e a obediência aos pais, os filhos dão o seu contributo específico e insubstituível para a edificação de uma família autenticamente humana e cristã. Isso será facilitado, se os pais exercerem a sua autoridade irrenunciável como um «ministério» verdadeiro e pessoal, ou seja, como um serviço ordenado ao bem humano e cristão dos filhos, destinado particularmente a proporcionar-lhes uma liberdade verdadeiramente responsável; e se os pais mantiverem viva a consciência do «dom» que recebem continuamente dos filhos»²⁴ ».

A Nota da Conferência Episcopal Portuguesa sobre a Educação da Sexualidade também refere a família como «a primeira comunidade responsável pela educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. É o lugar privilegiado onde, de forma vivencial e com o esforço de todos os seus membros, se assumem valores como [e retoma a Carta Pastoral sobre a Família] “a generosidade, a disponibilidade para partilhar, a compreensão, a tolerância, o perdão, a contínua abertura à reconciliação, a solidariedade na ajuda mútua, a fidelidade às pessoas e ao projecto comum, o respeito pela vida e pela dignidade de cada elemento que integra a comunidade familiar, a intimidade construída na ternura e na doação”»²⁵.

Por fim, longe de pretendermos ser exaustivos, mas desejando estabelecer os contornos para a função educativa da família, tanto humana como cristã, tenhamos presente a Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa «Para que Acreditem e Tenham Vida», de 2005, que declara: «Os pais são chamados a comunicar o seu gosto de viver, a sua maravilha perante a vida e a transmitir uma arte de viver em referência ao Evangelho. O seu contributo é insubstituível, porque a fé é uma vida que se comunica, uma osmose que se realiza e não uma doutrina a inculcar. À medida que o filho cresce, o testemunho dos adultos ajuda-o a construir-se. A família precisa de reconhecer-se como o primeiro lugar

²³ JOÃO PAULO II, Homilia no Jubileu das Famílias, nº 5, cit. *A Família, esperança da Igreja e do mundo* 7.

²⁴ Op. cit, 8, que, por sua vez, cf. *Familiaris consortio* 21.

²⁵ *Educação da Sexualidade, Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa*, 3, cf. *Carta Pastoral A Família, esperança da Igreja e do Mundo* 9.

social das crianças, dos adolescentes e dos jovens com uma influência decisiva na educação da fé». ²⁶ E conclui: «A família exerce uma influência decisiva na educação humana e cristã dos filhos». ²⁷

Muito recentemente, o *Instrumentum Laboris* para o Sínodo sobre a Nova Evangelização ²⁸ refere a família como «lugar exemplar de evangelização», explicando que esta tem, para a Igreja, «a responsabilidade de educar e transmitir a fé cristã desde o início da vida humana», de onde nasce, pois, «a profunda ligação entre a Igreja e a família, com a ajuda que a Igreja deseja dar à família e a ajuda que se espera da família» e salienta que «muitas vezes, as famílias estão imersas em fortes tensões por causa dos ritmos de vida, do trabalho cada vez mais incerto, da precariedade galopante, da fadiga da responsabilidade educativa que cada vez é mais árdua. As próprias famílias que tomaram consciência das suas dificuldades sentem a necessidade da ajuda da comunidade, do acolhimento, da escuta e do anúncio do Evangelho, do acompanhamento na sua missão educativa. O objectivo comum é que a família tenha um papel cada vez mais activo no processo de transmissão da fé.»

Um pouco mais adiante relata que, do tratamento dado às respostas enviadas pelas várias Igrejas locais, se conclui que estas «dão conta das dificuldades e necessidades que emergem de várias famílias hodiernas, incluindo as cristãs: a necessidade de apoio expresso, de modo cada vez mais evidente, em várias situações de dor e de fracasso no educar à fé, sobretudo as crianças. Várias respostas abordam a constituição de grupos de famílias (locais ou ligados a experiências e movimentos eclesiais) animados pela fé cristã. Ela permitiu a tantos casais enfrentarem melhor as dificuldades que vieram ao seu encontro, dando assim um testemunho claro da fé cristã» ²⁹. É importante notar, ainda, a sensibilidade expressa a partir das comunidades locais, de que «estes grupos de famílias, de acordo com muitas respostas, são um exemplo dos frutos que o anúncio da fé gera nas nossas comunidades cristãs. As respostas a este respeito demonstram um certo optimismo na capacidade que muitas comunidades cristãs têm, apesar da situação de provisoriedade e de precariedade em que se encontram, na fidelidade à celebração comum da sua fé, a disponibilidade, ainda que limitada em recursos, para acolher os pobres e viver um testemunho evangélico simples e quotidiano». ³⁰

²⁶ *Para que Acreditem e Tenham Vida* 2b.

²⁷ Op. cit. 5b, cf. *Catechesi Tradendae* 68.

²⁸ *Instrumentum Laboris*, Sínodo Dos Bispos, XIII Assembleia Geral Ordinária, *A Nova Evangelização Para a Transmissão da Fé Cristã*, 110, sublinhado nosso.

²⁹ Op. cit. 112.

³⁰ Op. cit. 113, sublinhado nosso.

Por fim, o documento também avalia o movimento que se desencadeia, já, nas comunidades de base e nas Igrejas locais, e que designa, notavelmente, como “Os frutos da fé”: «Os frutos que esta transformação, apenas possível graças à vida de fé, gera no seio da Igreja como sinal da força vivificante do Evangelho ganham forma no confronto com os desafios do nosso tempo. As respostas indicam, do seguinte modo, esses frutos: famílias que são um verdadeiro sinal de amor, de partilha e de esperança aberta à vida; comunidades dotadas de um verdadeiro espírito ecuménico; a coragem de apoiar iniciativas de justiça social e solidariedade; a alegria de oferecer a própria vida seguindo uma vocação ou uma consagração. A Igreja, que transmite a sua fé na nova evangelização, em todos estes ambientes mostra o Espírito que a guia e transfigura a história».³¹

3. Desenvolver um projecto de Educação Parental que se associa à evangelização da família

«Não nos entregaremos a nada mais do que a combates discutíveis sobre causas imperfeitas. ... a sua força criativa nasce da tensão fecunda entre a imperfeição da causa e a fidelidade absoluta aos valores implicados.»

Emmanuel Mounier³²

3.1. Trabalhar com as famílias

Trabalhar com as famílias não é fácil mas é muito útil. Quando há proximidade e entendimento, partilha de objetivos e diálogo entre os vários educadores de uma criança ou adolescente, tanto na paróquia como na escola, tudo fica mais calmo: o entendimento permite confiança e paz, pelo que se faz uma catequese mais qualificada. Os catequistas acabam por sentir que tendo mais apoio e menos sobrecarga nas suas obrigações educativas é, como de facto se educa melhor, de um modo mais sustentado. Se somos obrigados a ver a família de outro modo, mais próximo e humano e a agir com mais maturidade na avaliação e na relação com esta, é importante começar por aqui mas esta é, ainda, uma visão utilitarista. Realmente o que necessitamos é aprender a pensar sobre

³¹ Op. cit. 122.

³² MOUNIER, E. *Le Personalisme*, Que sais-je ?, Paris, PUF, p. 102, citando Coq, G. (2009) *Ins-cription chrétienne dans une société sécularisée*, Paris, Éditions Parole et Silence, p. 63 : «Nous ne nous engagerons jamais que dans des combats imparfaites ... Sa force créatrice naît de la tension féconde qu'il suscite entre l'imperfection de la cause et la fidélité absolue aux valeurs impliquées.»

a família: de um ponto de vista comunitário, numa perspectiva psicológica e sociologicamente adequada, de um modo realmente cristão.

Trabalhar bem com as famílias supõe começar por considerar que os pais são os primeiros educadores: não apenas no tempo, mas os primeiros na responsabilidade de aceitar aquele filho e de serem os primeiros no amor que cada criança ou adolescente tem por eles. Depois, há que aprender a descobrir e aceitar algumas dimensões essenciais do carisma parental: os pais querem educar, mesmo que estejam limitados nessa função ou não a compreendam bem; os pais sabem coisas importantes, talvez coisas diferentes das dos outros educadores, menos formais, menos escolares, mas conhecem alguma parte do universo adulto de referência; os filhos amam principalmente os pais e é desonesto e ineficaz querer que as crianças e os adolescentes se vinculem filialmente aos catequistas ou professores mesmo quando estes agem como o pai ou a mãe que eles sonham ter; os pais desejam o melhor para os filhos, embora possam fazer muitas escolhas erradas ou evidenciem um desconhecimento alarmante das necessidades reais das crianças; os pais são suficientemente maduros para ensinar, talvez não os sonetos de Camões ou a funcionar com uma calculadora gráfica, mas aquilo que eles aprenderam e que ainda podem vir a aprender; os pais são os educadores naturais dos filhos, é na casa familiar que as pessoas devem ser recebidas, na gratuidade, e aprender a crescer e a tornar-se pessoas maduras e com sentido; os pais são presenças regulares, estão em contato constante com os filhos e tudo o que fazem com estes ou lhes ensinam fazem-no de um modo abrangente, pervasivo, moldante; os pais podem reconhecer, melhor do que ninguém, que o seu filho é único e especial e orientar-se para aquilo que ele realmente necessita.

Mas como trabalhar com as famílias numa comunidade de fé? Em primeiro lugar, é um dever da comunidade de fé acolher as famílias que a Igreja sempre defendeu como a célula da sociedade, o lugar da gratuidade e do amor, a Igreja doméstica. Não é, pois, uma opção voluntarista, ou idealizada, que se saiba acolher, respeitar, ajudar, educar e amar as famílias: «Um empenho pastoral ainda mais generoso, inteligente e prudente, na linha do Bom Pastor, é pedido para aquelas famílias que – muito independentemente da sua própria vontade ou pressionadas por outras exigências de natureza diversa – se encontram em situações objectivamente difíceis.³³» O Papa João Paulo II enumerou como situações objectivamente difíceis, carentes de auxílio e acompanhamento, as famílias de emigrantes, que vivem a itinerância laboral e, portanto, a ausência de casa dos progenitores, as famílias

³³ *Familiaris Consortio* 77.

dos presos, refugiados, exilados ou marginalizados das grandes cidades, as famílias monoparentais, as famílias com filhos portadores de deficiência (ou doença crónica, acrescentaríamos), com filhos toxicodependentes; ainda aquelas que estão desenraizadas ou são discriminadas pela sua cultura, opção política ou credo; as famílias ideologicamente divididas, as de anciãos ou de cônjuges menores (pais adolescentes). O Papa não esquece as famílias que, à luz da doutrina cristã, vivem situações irregulares, muitas vezes em grande sofrimento, assim como as que resultam dos casamentos mistos e dos divorciados recasados e que enfrentam condições educativas particularmente adversas. Do mesmo modo, refere os sem-família, as famílias que sofrem violência ou tratamentos injustos por causa da própria fé e as que dificilmente conseguem ter um contacto com a paróquia.

Mesmo numa família estruturada e sólida, também há momentos particularmente desafiadores que solicitam uma presença fundada na caridade cristã, numa lógica de predileção pelos mais pobres e desfavorecidos: o nascimento de um filho, as irrequietas adolescências, a separação da família alargada, a incompreensão ou falta de amor das pessoas mais queridas, o abandono do cônjuge ou a sua perda, a morte de um familiar, o desemprego e as dificuldades laborais.

Para se trabalhar com as famílias é essencial começar por entender aquilo que esperam da comunidade de fé e da catequese, e aprender a olhar a educação para a fé dos filhos com o olhar dos pais. Também é importante saber que os adultos têm fases e crescem, pelo que uma situação difícil de hoje pode evoluir para uma aproximação produtiva, mais tarde. Do mesmo modo, é importante aceitar a diversidade, ter consciência de que esta nos incomoda e nos causa apreensão, mas que sob uma aparência estranha ou um comportamento mais difícil de entender, frequentemente estão pessoas sós e que já foram bastante maltratadas, quase sempre experientes na indiferença do próximo.

Mas, porque é que hoje faz tanta falta educar os pais na sua parentalidade? Afinal, nos dias de hoje, quem educa? Hoje as crianças e os adolescentes são educados pelas empresas de comida rápida e os seus anúncios, pelo YouTube e os jogos de computador, pelos impérios do consumo, pelos meios de comunicação social, os heróis de banda desenhada e os cantores da pop. Para os pais é muito difícil educar e ainda é mais complexo manter uma perspectiva da *família como comunidade de fé*: não se trata «apenas» de lhes criar condições para celebrar, rezar, ensinar, num contexto de vida agitada e preenchida, vivida em sofrimento e perda, em choque com uma civilização que não ama as famílias nem as protege. Trata-se de lhes pedir para aplicarem uma sabedoria religiosa que não aprenderam, pois fazem parte de gerações nascidas do choque entre o mundo desaparecido da cristandade, em que tudo estava previsto e definido,

para um mundo aberto de oportunidades em que a fé é uma escolha pessoal: significativa, mas sem o cunho da certeza³⁴.

Também se comprova que os adultos, «pela complexidade das suas tarefas e abstracção crescente das suas funções – *são cada vez mais incapazes de fornecer modelos de conduta indetificatórios para as crianças*, mas esses modelos são necessários para a construção de um sistema de valores que considere as mudanças sociais e culturais permanentes»³⁵.

3.2. *Proporcionar Educação Parental*

O amor e a qualidade da vida familiar são, quase sempre, imprescindíveis para a transmissão da fé, pois dotam a pessoa de uma «qualidade humana» que só a experiência do amor pode facilitar. Por vezes ficamos surpreendidos quando grandes vocações cristãs escapam a esta tendência, mas, se observarmos de perto e naquilo que humanamente podemos compreender do encontro de cada pessoa com Deus, encontramos com grande frequência alguém que cumpriu esse papel maternal ou paternal que o convertido, o chamado, não encontrou na sua própria família e que o ajudou a descobrir a bondade humana e a aceitar a oferta infinita e incompreensível da bondade de Deus: «sem amor nada sou»³⁶.

A propósito dos desafios que a iniciação cristã coloca à sociedade contemporânea, o filósofo e pedagogo Guy Coq refere a urgência de compreender a civilização moderna e a necessidade de abandonar a nostalgia de tempos que não voltarão, afirmando que trabalhar para aplanar os obstáculos ao acolhimento do Evangelho é, também, proteger a nossa civilização do afundamento. Com o desenvolvimento do seu argumento, Coq mostra-nos que, nas sociedades democráticas da actualidade, o desenvolvimento individual e colectivo aponta para uma impossibilidade da educação derivada da perda de enquadramento institucional (família, escola, Igreja): «Hoje, o indivíduo é colocado, na sua liberdade, nos seus desejos, como absolutamente prioritário na relação com a sociedade e as suas condições de sobrevivência ... só vê a liberdade como uma prioridade individual, jamais sob a forma complementar de uma liberdade colectiva. ... Ele trata a colectividade, o social, sempre como um limite à sua liberdade, jamais como uma condição

³⁴ FOSSION, A. «A evangelização como surpresa», *Pastoral Catequética*, n.º 11 / 12, Ano 4 Lisboa, SNEC, pp. 159-170.

³⁵ BRUNER, J. S. (1974) «Nature and Uses of Immaturity», In: BRUNER, J.; CONNOLLY, K.; *The Growth of Competence*, London, Academic Press, p. 44.

³⁶ Cf. 1 Cor 13, 2.

de liberdade individual. Toda a autoridade (no interior de uma instituição) é recebida como uma constrição, ilegítima por definição, e toda a constrição é vivida como violência. O efeito desta postura aqui descrita é uma espécie de desafiliação; e, desapegado das pertenças, o indivíduo está votado ao abandono a si mesmo. Pode-se falar de um “abandonismo”, desde a infância. O indivíduo é encarregado de tudo o que não quer receber do todo social. Ele deve decidir tudo sobre a sua vida, dos seus laços, dos seus valores. De um golpe, as escolhas morais tornaram-se um caso puramente individual»³⁷. E, mais adiante, sublinha: «este indivíduo livre de toda a pertença não brilha necessariamente pela sua autonomia. As modelagens sociais veiculadas pela média encontram-no estranhamente disponível. A sociedade dos indivíduos parece tornar-se a sociedade dos grandes conformistas»³⁸.

Coq entende com clareza o problema nefrágico da situação para a qual a educação foi relegada pelo pós-modernismo e defende que «se estimamos que o ser humano se constrói numa educação, deveríamos resistir a tudo o que na sociedade tende a tornar difícil a educação. Para isso há duas razões: primeiro, salvar a educação como aquilo que permite à humanidade construir-se e, ao mesmo tempo, com a educação salvar uma possibilidade da educação da fé ... Toda a educação da fé se enraíza numa cultura humana»³⁹.

Naturalmente, a família, que vive uma cultura de fluidez, diversidade, complexidade e incerteza, tem um papel relevante neste processo de enraizamento cultural, pela sua relação com as origens e porque a transmissão da vida está ligada a um sentimento de apreço pela própria vida, de reconhecimento do seu sentido, de uma visão positiva da existência. É desse modo que se reconhece à família e à sua educação a capacidade de gerar precocemente as bases da saúde mental e os fundamentos da personalidade. Quando decidem fazer acompanhar esse enraizamento da abertura à fé, os pais enraízam na personalidade também a abertura ao outro e ao Outro, vincando na emergente cosmovisão da criança um «nós» colectivo que permite a descoberta da caridade pela experiência de um mundo bom, no qual se pode confiar e que desenvolve no «eu» a possibilidade da esperança. Até à construção da identidade, tarefa nuclear do processo de adolecer, e que culmina com a entrada na vida adulta, é a família que cria na personalidade os fundamentos para a abertura a Deus e ao religioso. Os catequistas podem, e devem, ajudá-las, mas não têm, e ainda bem, condições de as substituir.

³⁷ Coq, op. cit., p. 65.

³⁸ Op. cit., p. 66.

³⁹ Op. cit., p. 69.

No entanto, apesar da sua crucial importância, as tarefas educativas parentais não parecem gozar, na actualidade, de grande prevalência nem eficácia. Por um lado, observa-se a existência de um estridente Silêncio Educativo: muitos pais desconhecem as necessidades educativas dos filhos, não possuem modelos sobre como actuar e qual é o papel dos pais e sentem-se esgotados pelas obrigações e as perdas da sua vida adulta. Por outro lado, o Absentismo Pedagógico de que fala Coq colide radicalmente com a realidade: os filhos não nascem prontos a actuar, não trazem manual de instruções nem estão equipados com um chip de desenvolvimento e crescimento saudável e maduro. Parece, pois, pouco inteligente deixar as pessoas entregues ao acaso e ao «instinto», pois o «instinto» infantil e adolescente manifesta-se num constante «puxar pela corda» que visa, unicamente, alargar o seu espaço de acção para o desejo e a fantasia, sem consciencialização das consequências. De facto, os filhos precisam de orientação e de protecção durante muito tempo, de aprender a frustrar-se e a reorientar as suas metas, e a função parental é complexa, exigente e muito extensa. Apesar de tudo é possível encontrar satisfação na vida familiar mas o individualismo não é uma boa regra. Não pode haver paz social sem harmonia pessoal e esta só se consegue com uma educação atenta e constante, capaz de fazer a transmissão dos valores e das atitudes que fundam um cosmos civilizacional – a teia de escolhas, pensamentos, valores e actos que o tempo teceu num espaço abrindo-o à construção de uma humanidade partilhada – capaz de resistir ao caos das desordens individuais acumuladas.

Neste tempo de sofrimento educativo parece essencial colaborar com os pais na tarefa da educação e, em grande parte, não fazer por eles, mas com eles, o que nos obriga a pensar sobre estratégias que lhes promovam e reforcem a vontade de educar e de construir, para as suas famílias, um verdadeiro projecto educativo. É preciso usar de uma pedagogia com lógica eclesial, que acolha, alivie, recompense, reforce atitudes. Uma pedagogia para adultos que coopere no lidar com as tarefas educativas, mesmo na escola, que ajude a mobilizar recursos, porque educar uma família numa lógica de isolamento é irrelevante e destrutivo.

Formar os pais, pois, num processo de evangelização mútua e progressividade, em que se aprendem coisas para se ser muito mais do que isso: ajudar os pais a saber mais e melhor, com recurso a uma informação significativa que contribui para estruturar os problemas e esboçar soluções; usar uma estratégia que apresenta modelos e estrutura a acção e os ajuda a sentirem-se mais seguros e com maior autoridade; ter como meta pedagógica o «ser» do adulto, influenciando a adopção de novas atitudes, mais sábias e consistentes, mas implicando as pessoas, deixando-as expressar atitudes e abrir-se, livremente, a um estilo de vida e a uns valores que se descobrem no Evangelho.

Lógica eclesial, pois, de uma comunidade de pedras vivas que conjugue a experiência de Igrejas domésticas com uma perspectiva de educação integral da pessoa na construção de um projecto educativo familiar; tendo como critério a globalidade e a integralidade da experiência cristã e como objectivo a construção da comunidade, pois os pais que educam melhor e se sentem amparados também ficam mais disponíveis para crescer e participar. É necessário avançar com segurança e persistência, considerando as situações e experiências das pessoas, o seu contexto sociocultural e as possibilidades concretas dos agentes de pastoral. É crucial adoptar uma perspectiva missionária, de acolhimento, tendo presentes, sem as diabolizar, as rápidas transformações da sociedade, o desenraizamento e a desorientação cultural que atinge as pessoas, a sua experiência de fracasso e desequilíbrio, a obsolescência de tudo aquilo que julgávamos perene e que é o sinal da imensa crise da função educativa dos adultos.

Há que considerar alguns princípios metodológicos na elaboração de um plano de Educação Parental: valorizar o papel parental; garantir confiança e privacidade; construir a Formação com as famílias; responsabilizar os pais quanto ao seu processo de desenvolvimento e à sua insubstituível função educativa; capacitar os pais para educar e amar bem; fomentar a autonomia dos pais; contar com a diversidade de famílias e situações familiares; especializar o Programa (não sair do âmbito da educação; comprometer-se em garantir condições de continuidade e diversificação / flexibilidade); promover uma intervenção integrada (que alcance a comunidade); procurar a predominância da educação em grupo; valorizar a rede social das famílias (os avós, os vizinhos, os padrinhos, ...); garantir liderança, supervisão e avaliação.

4. Uma comunidade que se renova com a renovação da família.

Considerações finais

A Igreja em Portugal conseguiu traçar um plano e aplicar um modelo sólido de catequese da infância e da adolescência. Para isso chamou um pequeno exército de voluntárias e de voluntários (cerca de 50.000) que todas as semanas acolhe um número estável de crianças e adolescentes, introduzindo-os nas bases da fé cristã e favorecendo uma experiência religiosa de encontro com Deus no seguimento de Jesus. Pela qualidade do trabalho desenvolvido por tantos foi-lhe possível evoluir para uma reflexão em que os pais, as famílias, deixaram de ser afastados da catequese, de ser criticados pela fragilidade do seu compromisso educativo e cristão, para passarem a ser vistos como parceiros. Lenta, mas seguramente, a catequese e os catequistas abrem-se à descoberta mútua com as famílias e estabelecem as bases de um re-evangelização das famílias e das comunidades, com estas e por estas.

Entretanto, muitas famílias deixaram de ser uma realidade na qual a fé se transmitia de forma quase espontânea – sintoma de uma nova situação da vida familiar, tanto na perspectiva social como eclesial. A fé é um dom, não o produto dos nossos esforços. No entanto, para que chegue até nós precisa de mediações, entre as quais se destaca o testemunho da família cristã. Por tudo isso, a comunidade eclesial tem de assumir decididamente a responsabilidade de oferecer as ajudas necessárias para fortalecer a coesão familiar e estimular a sua participação na transmissão da fé aos seus filhos. A família é o lugar natural onde se aprende a viver com Deus, onde Deus é colocado em relação com as situações da vida, para que esta chegue a ter sentido.⁴⁰

Quando celebramos 50 anos do Concílio Vaticano II, temos presente as palavras do Papa João XXIII, que solicitava respostas para que a doutrina da Igreja fosse «aprofundada e apresentada de maneira que corresponda às exigências do nosso tempo»⁴¹. A ideia que se desenvolve a partir do Concílio é a de uma Igreja missionária, que serve a humanidade na descoberta da presença e a actuação de Deus na história e que visa a construção do Reino de Deus⁴². O Concílio também abre a Igreja e a humanidade ao futuro e estabelece um modo de operar em que o diálogo entre a Igreja e o mundo é um imperativo e uma esperança⁴³. A Igreja toma consciência de poder oferecer uma grande ajuda para dar um sentido mais humano à pessoa e à história e assume que o mundo pode contribuir muito para a preparação do Evangelho.⁴⁴

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ao explicar como deve decorrer essa interacção e socorro mútuo entre a Igreja e o mundo, começa precisamente pela família: «o bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar»⁴⁵. ... A família – na qual se congregam as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social – constitui assim o fundamento da sociedade. E por esta razão, todos aqueles que têm alguma influência nas comunidades e grupos sociais, devem contribuir eficazmente para a promoção do matrimónio e da família».⁴⁶

⁴⁰ OSER, F. (1996), *Dios y el niño*, Madrid, S. Pio X.

⁴¹ JOÃO XXIII, *Discurso da abertura solene do Concílio Vaticano II*, 11 de Outubro de 1962.

⁴² Constituição Dogmática *Lumen Gentium* Sobre a Igreja, de 21 de Novembro de 1964.

⁴³ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, Sobre a Igreja no Mundo Actual, de 7 de Dezembro de 1965.

⁴⁴ Cf. *Gaudium et Spes* 40.

⁴⁵ *Lumen Gentium* 47.

⁴⁶ Op. cit., 49, 52; sublinhado nosso.

O Papa João Paulo II insistiu claramente na necessidade de uma nova evangelização, também para a Europa, pois as pessoas estão cansadas de consumir desenfreadamente e da escalada das exigências da vida moderna, onde materialismo e hedonismo parecem ter triunfado: «Esta crise da memória cristã é acompanhada por uma espécie de *medo de enfrentar o futuro*. A imagem que se forma do amanhã, aparece muitas vezes vaga e incerta. Do futuro, sente-se mais medo que desejo. Sinais preocupantes disto mesmo são, entre outros, o vazio interior, que oprime muitas pessoas, e a perda do significado da vida»⁴⁷ ... «na raiz da crise da esperança, está a *tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo*».⁴⁸ Como sinal destas dificuldades, João Paulo II destaca a perda de sentido da família: «Assiste-se a uma generalizada *fragmentação da existência*; predomina uma sensação de solidão; multiplicam-se as divisões e os contrastes. Entre outros sintomas deste estado de coisas, a situação europeia actual regista o grave fenómeno das crises familiares e do esmorecimento do próprio conceito de família».

E indicará como parte importante da solução: «A Igreja na Europa, em todas as suas articulações, deve propor sem cessar e fielmente a *verdade do matrimónio e da família*. É uma necessidade que sente arder-lhe dentro, porque sabe que um tal dever é qualificante para ela em virtude da missão evangelizadora que lhe foi confiada pelo seu Esposo e Senhor, e que hoje se apresenta com excepcional premência. De facto, não poucos factores culturais, sociais e políticos concorrem para desencadear uma crise cada vez mais evidente da família. Tais factores comprometem de várias formas a verdade e a dignidade da pessoa humana e põem em discussão, desfigurando-o, o próprio conceito de família. ... Neste contexto, pede-se à Igreja que *anuncie com renovado vigor aquilo que diz o Evangelho sobre o matrimónio e a família*, para individuar o seu significado e valor no desígnio salvífico de Deus. É preciso, de modo particular, reiterar que ambas as instituições são realidades que derivam da vontade de Deus. Impõe-se redescobrir a verdade da família, enquanto íntima comunhão de vida e de amor ... e também a sua dignidade de «igreja doméstica» e a sua participação na missão da Igreja e na vida da sociedade»⁴⁹. E não esquece as situações mais difíceis, às quais a Igreja deve acudir com «maternal solicitude» ... E «em todas as circunstâncias é necessário estimular, guiar e apoiar o devido protagonismo das famílias».⁵⁰

E ainda acrescentará: «Se, para servir o Evangelho da esperança, é necessário reservar uma adequada e prioritária atenção à família, inegável é também

⁴⁷ *Ecclesia in Europa* 8.

⁴⁸ Op. cit. 9.

⁴⁹ Op. cit. 90.

⁵⁰ Op. cit. 91.

que as próprias famílias têm uma tarefa insubstituível a desempenhar relativamente ao mesmo Evangelho da esperança. ... “Famílias, tornai-vos naquilo que sois!”. E vós sois uma *reposição viva da caridade de Deus*: de facto, tendes a “missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo Senhor pela Igreja, sua esposa”⁵¹». ⁵² A família chama «*santuário da vida*» (...); o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico»⁵³; «*fundamento da sociedade*, enquanto lugar primeiro de “humanização” da pessoa e da vida civil,⁵⁴ modelo para a instauração de relações sociais vividas no amor e na solidariedade». E pede-lhes: «*Sede vós mesmas* testemunhas credíveis do Evangelho da esperança! É que vós sois “*Gaudium et spes*”, alegria e esperança⁵⁵».

O Papa Bento XVI tem continuado a obra do seu antecessor e estabeleceu o modo de procurar «as formas e os meios adequados»⁵⁶ para realizar a Nova Evangelização, algo a que se dedica o Sínodo de 2012. Uma parte dessa Evangelização é, certamente, aquilo que o Papa Paulo VI já referira: «Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor»⁵⁷. Trata-se, pois, da qualidade da fé dos crentes, a sua maturidade, a coerência entre a vida e a profissão de fé: «A evangelização deve atingir a vida ... O papel da evangelização é precisamente o de educar de tal modo para a fé, que esta depois leve cada um dos cristãos a viver, e a não se limitar a receber passivamente, ou a suportar os sacramentos como eles realmente são, verdadeiros sacramentos da fé»⁵⁸. Uma família que educa bem e que integra a descoberta da fé e da experiência do Evangelho no seu quotidiano, tem a possibilidade de dar um contributo imprescindível para a Nova Evangelização. E se não está preparada para educar deve ser ajudada pela comunidade de fé a tornar-se capaz e experiente na responsabilidade

⁵¹ *Familiaris consortio* 17; AAS 74 (1982), 99-100.

⁵² *Ecclesia in Europa* 94.

⁵³ JOÃO PAULO II, Carta enc. *Centesimus annus* (1 de Maio de 1991), 39; AAS 83 (1991), 842.

⁵⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Exort. ap. pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de Dezembro de 1988), 40: AAS 81 (1989), 469.

⁵⁵ Op. cit. 94.

⁵⁶ AAS 102 (2010), 788-792.

⁵⁷ *Evangelii Nuntiandi* 15.

⁵⁸ Op. cit. 47.

que Deus lhe entregou, junto com cada um dos seus filhos, de se abrir à sua graça.

«... para que a experiência da fé e do amor cristão seja acolhida e vivida e se transmita de uma geração a outra, uma questão fundamental é a educação da pessoa. É preciso preocupar-se com a formação da sua inteligência, sem descuidar as da sua liberdade e capacidade de amar. E, por isso, é necessário o recurso também à graça. ... Uma educação verdadeira tem necessidade de despertar a coragem das decisões definitivas, que hoje são consideradas um veículo que mortifica a nossa liberdade, mas na realidade são indispensáveis para crescer e alcançar algo de grande na vida, em particular para fazer amadurecer o amor em toda a sua beleza: portanto, para dar consistência e significado à própria liberdade.»⁵⁹

Bento XVI

⁵⁹ BENTO XVI, Discurso no IV Congresso Eclesial Nacional da Igreja Italiana, Verona, 19 de Outubro de 2006.